

A EXPRESSÃO CULTURAL ENCONTRADA NOS GRAFISMOS DA RENDA NHANDUTI

THE CULTURAL EXPRESSION FOUND IN NHANDUTI LACE GRAPHICS

Ana Caroline Marques Miranda¹

Marizilda dos Santos Menezes²

Luís Carlos Paschoarelli³

Resumo

A renda Nhanduti não apresenta origem definida, mas está presente na cultura Guarani desde o período da colonização. Apesar da influência europeia, esta técnica desenvolveu uma linguagem própria, baseada no misticismo que cercava os povos que a empregavam. O objetivo do presente estudo foi compreender a expressão cultural com os grafismos encontrados na renda Nhanduti, e como o conhecimento sobre essa manifestação artesanal pode influenciar a aplicação do design gráfico em outros sistemas artesanais. A metodologia adotada se configura em um levantamento documental e bibliográfico de caráter exploratório. Foi constatado que esse povo tinha sua cultura centralizada na religião e costumava expressar as emoções por meio da arte, sendo a renda Nhanduti o resultado da inserção de novos elementos agregados a essa civilização. Esta renda é um exemplo de como seus grafismos evidenciam a expressão cultural de um povo e como isto pode contribuir para contextualizar a técnica e sua evolução ao processo histórico e cultural.

Palavras-chave: guarani; renda; nhanduti; grafismo; moda.

Abstract

Nhanduti income does not have a defined origin, but it has been present in the Guarani culture since the colonization period. Despite European influence, this technique developed its own language, based on the mysticism that surrounded the people who used it. The objective of the present study was to understand the cultural expression with the graphics found in Nhanduti lace, and how knowledge about this artisanal manifestation can influence the application of graphic design in other artisanal systems. The adopted methodology is configured in an exploratory documentary and bibliographic survey. It was found that these people had their culture centered on religion and used to express emotions through art, with the Nhanduti income being the result of the insertion of new elements added to this civilization. This lace is an example of how its graphics show the cultural expression of a people and how this can contribute to contextualizing the technique and its evolution to the historical and cultural process.

Keywords: guarani; lace; nhanduti; graphics; fashion.

¹ Mestranda, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Bauru, SP, Brasil, ac.miranda@unesp.br; ORCID: 0000-0003-3855-2575.

² Professora Doutora, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Bauru, SP, Brasil, marizil@faac.unesp.br; ORCID: 0000-0003-4242-0698.

³ Professor Doutor, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Bauru, SP, Brasil, luis.paschoarelli@unesp.br, ORCID: 0000-0002-4685-0508.

1. Introdução

A maior parte da cultura humana é baseada em mitos e lendas. Basta observar a importância da *Ilíada* e da *Odisseia*, atribuídas a Homero (\cong 928-898 a.C. – Grécia Antiga), na formação da cultura ocidental. Esse fato foi observado em todo o espaço geográfico dominado pelos seres humanos, cujas culturas – na maioria das vezes – estiveram baseadas em mitos e lendas.

Na América do Sul, os “povos Guaranis” representam uma das principais etnias indígenas, cujas especificidades culturais caracterizam outras subetnias (por exemplo: Caiuás, Embiás, Ava-chiriguano, Nhandevas, Izozeños, Guarayos, Tapietés, entre outros). Para esses povos, a expressão cultural esteve muito associada às artes manuais, as quais sofreram forte influência com a colonização europeia.

Um exemplo clássico está relacionado à renda ñandutí/nhanduti, que, apesar da origem europeia (não há informações precisas de como foi inserida na cultura indígena guarani), entrelaçou-se à cultura dos povos Guarani como nenhum outro artefato europeu (PLÁ; GONZÁLEZ, 1983). Do ponto de vista formal, o que se destaca nessa renda são os grafismos, pois apresentam detalhes minuciosos quando analisados e comparados a outros tipos de artesanato, uma vez que envolvem uma linguagem própria.

Nesse sentido, destaca-se a importância de tentar compreender os grafismos encontrados nessa renda com base no ponto de vista da trajetória guarani e dos processos histórico-culturais envolvidos na sua construção. Essa compreensão permite a atualização e a valorização das culturas tradicionais regionais e indígenas nas áreas de *Design* de Moda e *Design* Gráfico.

O objetivo do presente estudo foi compreender a expressão cultural com os grafismos encontrados na renda Nhanduti, e como o conhecimento sobre essa manifestação artesanal pode influenciar a aplicação do design gráfico em outros sistemas artesanais. Para isso, a metodologia utilizada incluiu um levantamento documental e bibliográfico de caráter exploratório.

2. Guarani: História, Cultura e Transformação com a Colonização

Os povos Guarani formam uma etnia que já ocupou um amplo território na região meridional do continente sul-americano, abrangendo territórios da Argentina, da Bolívia, do Brasil e do Paraguai. Eles são divididos em subetnias, com destaque para Kaiowá, Embiá, Ava-chiriguano, Nhandeva, Izozeño, Guarayo e Tapieté, as quais procuram manifestar alguns aspectos culturais distintos, mas podem ser consideradas (e se consideram) um único povo por apresentarem proximidade nos dialetos, cultos e hábitos (CHAMORRO, 1999). Além disso, elas apresentam uma estrutura social, pois as aldeias têm subgrupos, mas seguem as regras da aldeia predominante (ALMEIDA, 2003).

Eles são conhecidos por “Grande Povo” e acreditam que foram criados por Tupã, para idolatrar a terra, *tekoha*, tratando-a como integrante da família. A atenção e o respeito que eles demonstram à terra são exemplificados pela festa realizada com a colheita do milho. De acordo com Ortiz (2020), essa festa é também uma maneira de manifestar uma cultura de resistência às outras sociedades não indígenas e a integração entre o Guarani e a terra.

Segundo Juliana Bezerra (2021), como sempre estiveram em busca de fertilidade de novos solos, o processo migratório é tratado com naturalidade entre eles. Os Guarani sempre apresentaram uma boa organização social, com distribuição de funções entre os gêneros. Os

homens eram responsáveis por construir as aldeias, caçar, pescar e organizar os rituais. Já as mulheres cuidavam do plantio, da colheita e da produção de tecidos (geralmente algodão) e adornos (BEZERRA, 2021). Na agricultura, eles sabiam da necessidade de cultivos especiais para cada espécie de grão, pois acreditavam que os plantios se comunicavam com os elementos da vida; e sua produção era favorável aos rituais (LADEIRA, 2003).

Os Guaranis são considerados politeístas e apresentam como crenças e adorações, especialmente, elementos da natureza, tais como os animais, as plantas e os demais componentes de interação destes com as pessoas. Além disso, viveram sob a plenitude da gratidão por tudo o que lhes era disponibilizado na natureza, sendo que sua cultura esteve enlaçada por mitos e lendas. Neste sentido, o processo religioso é fundamentado em rituais (LOPES, 2019), os quais influenciam a própria estrutura da sociedade quanto a transmissão dos hábitos, experiências, entre outros elementos de expressão cultural, com destaque para o artesanato, as danças e demais expressões.

De acordo com Schaden (1974), o “[...] predomínio extraordinário da religião em todas as esferas da cultura, inclusive na economia” (p. 38) servem de “pretexto para a realização de cerimônias de contato com o sobrenatural e controle dos poderes pessoais que se julgam ter influência no destino” (p. 38) das pessoas.

Como decorrência desta forma de manifestação, os guaranis expressam suas referências artísticas com uma linguagem metafórica, especialmente expressa na forma de artesanato. Neste sentido, a antropóloga Marília Godoy pontua que o artesanato é a própria vida deste povo. A pesquisadora ainda complementa que “Um cesto, que serve para guardar alimentos, tem uma função vital. Não é mera mercadoria, porque é feito sob força vital. Penas de aves e sementes são símbolos da visão cosmogônica dos guaranis” (UFMG, 2017).

A chegada dos espanhóis ao Paraguai foi um período de comutação para os guaranis, pois no início, gerou medo e fez com que migrassem para fugir da exploração e dos ataques, o que não durou muito tempo, uma vez que o território foi logo ocupado (BEZERRA, 2021).

Segundo Bezerra (2020), a colonização ficou marcada pela alteração na estruturação social que os Guarani conheciam, além de uma religião monoteísta e um novo idioma, que foram os mais impactantes, também incorporaram um sistema econômico.

Com a chegada dos jesuítas e início das reduções, termo utilizado para referir-se as missões jesuítas, (REISS, [201-]), muitos indígenas aos poucos foram se convertendo ao catolicismo, sucumbindo aos hábitos e à indumentária. Com a integração destas nações, ocorreu uma interação sócio comercial em que os índios se encantavam com tudo o que lhes eram apresentados e os espanhóis interessados em artigos, ou alimentos locais, assim então nascia o comércio da troca de produtos.

Dentro da variedade das peças apresentadas aos Guarani, uma que chama a atenção é a agulha: “[...] a cultura guarani pré-hispânica não conhecia o bom trabalho das agulhas. Suas redes ou malhas grossas de *Karaguatá* e *Yvíra* nunca haviam irradiado urdidura, ‘círculos’ ou ‘sóis’, o que foi uma contribuição de cultura importada, de aculturação ou aposição cultura.” (PLÁ; GONZÁLEZ, 1983, p. 43).

Os autores ainda corroboram que esta inserção da agulha foi realizada aos poucos. No período pré-colonial, as tramas são grossas feitas com fibras naturais, como urtiga, palmeira, *karaguatá* e algodão. Já no *proto-colonial*, as agulhas e fios finos são introduzidos na cultura local, surgiram as primeiras telas fabricadas no país. E por fim, o período *tele-colonial* se inicia pelo século XVI, neste período haverá a introdução da renda, as espanholas ensinarão as

mulheres guaranis, a tecê-la para cerimoniais religiosas (PLÁ; GONZÁLEZ, 1983). A introdução da agulha nesta cultura facilitará trabalhos manuais, e o desenvolvimento da própria tecelagem, pois no período pré-colonial, Métraux (1987, p.133) notou que as mulheres teciam “sem ajuda de nenhum instrumento, passando simplesmente os fios da trama entre aqueles da urdidura como se elas remendassem.”

Outra mercadoria que ganhou a atenção dos Guarani é a indumentária europeia, a sofisticação e a ostentação das peças, se tornará um dos artigos mais cobiçados, visto que para eles estas roupas exerceram o papel de proteção e autoconfiança perante a sociedade que se formava (SCHADEN, 1974).

Em meados do século XVII, ocorre um crescimento do uso de tecidos ornamentados, juntamente com o imposto de exportação, deste modo, foi proibida a importação das rendas. Os jesuítas diante deste empecilho e da falta de mão obra especializada, se viram sem opções para desenvolver as próprias rendas, no entanto, o comportamento evoluído do indígena local, chamou desde o início a atenção dos missionários (MASY, 1992).

[...] Estes índios são de muito boa índole e engenhosidade, falsificam tudo o que veem com grande decoro e seriam muito bons oficiais se tivessem professores. Imitando dons compatíveis com invenções da cultura indígena, agora menos gratuitos em algumas atividades tão comuns como a caça. Hoje nos surpreendemos com esta formação masculina preferencial. (OÑATE *apud* MASY, 1992, p. 394).

Inicia-se assim a produção local da renda. Os trabalhos manuais, assim como os artesanatos, ficaram a cargo das mulheres; e para os homens, as atividades rurais (PLÁ, 1983).

3. Renda Nhanduti

No contexto descrito anteriormente, surge o Nhanduti, também conhecida como renda do Paraguai ou renda Sol de origem desconhecida trazida pelos europeus, que tem seus primeiros registros datados em XVIII, período em que os Guarani já estavam familiarizados com as reduções.

Sua composição é feita de agulha com pontos finos regularmente feitos de algodão ou seda, são criadas em bastidores, seja quadrado, círculo ou retângulo, cujos motivos podem variar de 5 a 8 cm o tamanho, ainda acrescentam que “a renda produzida imita as teias de aranha. Sua referência à natureza é nítida.” (SILVA; ALVES, 2020, p. 142).

Embora a renda finalizada seja detalhada e extremamente delicada, seu uso é limitado, seja fio fino ou grosso, ela é utilizada mais em toalhas de mesa, blusas, véus ou mesmo detalhes nas peças (PLÁ, 1980).

Símbolo indígena, essa renda se tornou patrimônio cultural paraguaio. Nhanduti é uma palavra guarani e leva o nome de uma das maiores lendas indígenas. Não se sabe quando ou como ela foi inserida na cultura desses povos, o fato é que nenhum outro instrumental espanhol se aprofundou vigorosamente no seio guarani como essa renda. Seus fios se entrelaçam de forma única com a alma feminina indígena, como uma forma de expressão, não importando sua origem, porém criando sua própria identidade (PLÁ, 1980). O motivo dessa renda ter se tornado parte do povo Guarani foi o fato de inicialmente ter sido apresentada através das reduções e posteriormente ser usada nas danças e cerimônias (MASY, 1992).

4. Grafismos Nhanduti: Tipos, Bordados e seus Significados

A arte guarani era tida como uma exteriorização das emoções, assim como uma narrativa de suas histórias, lendas e mitos. Desse modo, o que se nota é que, a partir da colonização espanhola, há uma modificação dos grafismos criados anteriormente. No período pré-colonial, diversas eram as maneiras de expressá-los, seja na pintura do corpo, seja na criação de acessórios, cerâmicas ou cestarias.

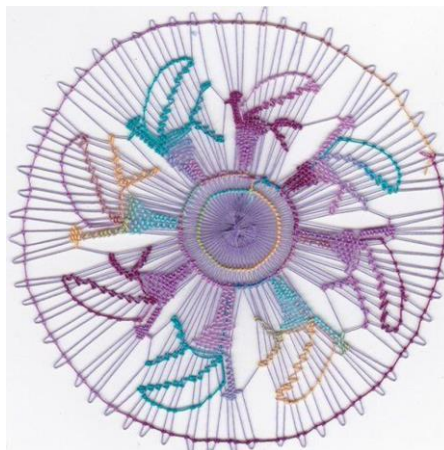
Nesse sentido, Silva (2015, p. 14) expõe que o grafismo:

[...] tem a função de informar às pessoas que não conhecem a sua história cultural, religiosa, ritos e mitos. Ao trançarem os cestos, os guaranis, transformam o elemento morte em elemento vida. Ao conferirem a esses cestos uma utilização sagrada, eles estão devolvendo a vida sua pureza original. Eles estão elevando a morte à dimensão da vida.

Os grafismos também são responsáveis pela reprodução das experiências rotineiras dos guaranis, pela forma como enxergam o mundo e pelo que pensam sobre ele (TOCCHETTO, 1996). Para esse povo, os grafismos têm duas nomenclaturas e são divididos da seguinte forma: “YPARÁ: significados mitológicos, simbólicos e sagrados; TA’ANGA: significados físicos e estéticos, ou seja, desenhos comuns.” (SILVA, 2015, p. 12).

No que tange ao universo desse grafismo guarani, o mundo vegetal era visto com uma proximidade e intimidade, como um familiar, ou uma extensão de si próprio. A margarida envolve em sonhos; o Cardo que é espinhoso, mas também é usado para tecer ou a flor do milho que não tem beleza a ser admirada, mas é vista de forma muito generosa pelos frutos que gera. O toco representa a mutilação vivida pela colonização, desolados, obrigados a abrir mão da própria liberdade. A palmeira que tanto fornece ao guarani segue sempre sozinha no alto, a observar tudo. No mundo doméstico, ocorre uma interação de culturas, aonde os utensílios guaranis se misturarão aos espanhóis, criando um mundo pequeno e delicado, feito as peças que eram utilizadas: a lanterna, irradia luz na aldeia; os altares religiosos; o leque espanhol. Já o mundo animal era reproduzido de uma forma muito singular, modesto como seus grafismos: a pegada do boi substitui a carroça que leva o homem para fora da floresta; os pássaros (Figura 1), que cantam pelas florestas, ou o papagaio são representados pelo bico, que caracteriza a falta da voz indígena diante das mentiras do homem branco (PLÁ; GONZÁLEZ, 1983).

Figura 1: Esquema dos passáros



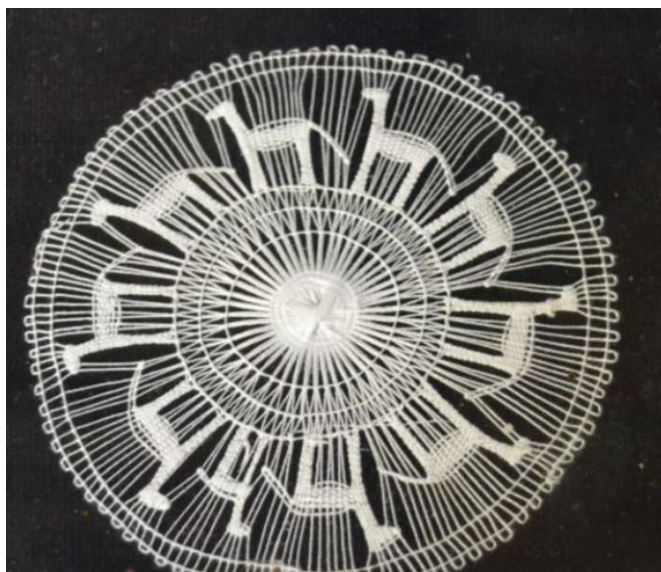
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/408912841164525750/>

Figura 2: Esquema Pata de boi



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/145100419227509602/>

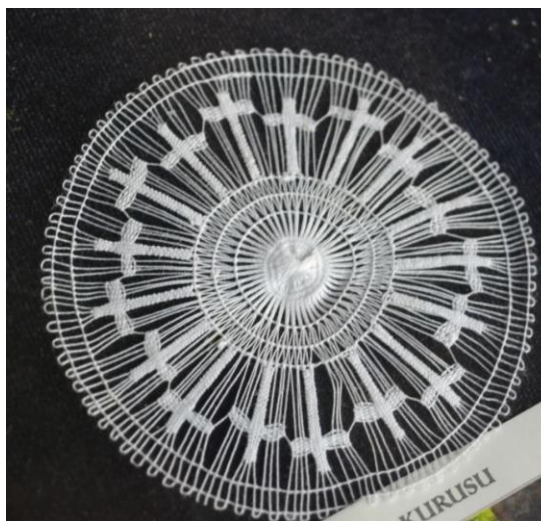
Figura 3: Esquemas do Cavalo



Fonte: Zaiguaweb (2014)

Além das interpretações citadas, há ainda outras relacionadas ao cosmo guarani, nos períodos pré e pós-colonização, como a cruz, que revela a despreziosa luta diária pela sobrevivência (PLÁ; GONZÁLEZ, 1983). O formato da cruz representa a proteção que os guaranis pedem aos deuses (SIMBOLOGIAS..., [201-]).

Figura 4: Esquemas da Cruz



Fonte: Zaiguaweb (2014)

No tocante aos bordados do Nhanduti, a riqueza dos detalhes e os próprios grafismos são o que os tornam tão singulares diante de outras rendas. O Instituto Paraguaio de Artesania (IPA) pontua uma distinção dessa construção dos bordados que há entre as regiões do Paraguai, mas não se sabe ao certo se ela é decorrida da própria divisão das aldeias guaranis ou se representa apenas uma coincidência. Vale ressaltar que não há como saber se essas diferenças foram criadas no período colonial ou após a guerra do Paraguai, período em que as mulheres guaranis se reinventaram por meio desse artesanato. As principais cidades produtoras das rendas nhanduti são Itauguá, Carapeguá, Pirayú e Guarambaré, as quais apresentam construções diferentes conforme a região. Na cidade de Itauguá, a renda é menor do que a produzida em outras localidades, com um motivo centralizado. Seu processo de construção é mais simples do que o das demais: “As tecelãs de Itauguá parecem rejeitar os espaços abertos dentro da tecelagem, talvez por isso todos estejam repletos de algum motivo, mesmo que pequeno, como ‘cruzinha’, ‘linha quebrada’ ou outros.” (IPA, 2011, p. 10).

Figura 5: Renda de Itauguá



Fonte: IPA (2011).

Além disso, Itauguá é uma das cidades mais antigas no desenvolvimento da renda. Nela, é celebrada há 33 anos a festa nacional do Nhanduti, que tem como intuito difundir a cultura e o artesanato paraguaios. Em compensação, na cidade de Carapeguá, a renda se destaca por sua urdidura e tramas abertas. Ausência de pontos de fundo, pois os quadrados ainda estão colados um ao lado do outro. Cada sol é dividido em aproximadamente oito ou nove espaços concêntricos que são feitos de círculos “filetados”. Dentro de cada espaço concêntrico, geralmente são feitos desenhos diferentes, embora possam não ser, mas sempre se repetem da mesma forma que em Itauguá, o que também lhes dá um movimento circular. (IPA, 2011, p. 12). Com uma formação mais aberta, o desdobramento do processo de construção dos próprios desenhos é mais espaçoso.

Figura 6: Renda de Carapeguá



Fonte: IPA (2011).

A distinção na técnica ou a pouca evolução da construção faz com que a repetição dos sóis deixe o desenho mais preenchido e em destaque.

A cidade de Pirayú é popular no país, como uma cidade artesanal em tecidos. Embora a renda local (Figura 7) tenha absorvido características das de Itauguá e Guarambaré, ela conseguiu se desenvolver à sua maneira, concebendo as próprias características, com as teias grandes, que muitas vezes podem representar sóis ou rodas, e urdiduras e tramas bem abertas (IPA, 2011).

Nessa renda, nota-se uma ausência do preenchimento do desenho. Assim como o contorno ganha destaque, a repetição excessiva realça o grafismo.

Na cidade de Guarambaré, a confecção da renda (Figura 8) consiste em um tamanho regular de 7 cm, com uma ausência de profundidade de rendas. Cada teia é dividida em apenas dois espaços concêntricos e os desenhos são feitos dentro do segundo; não há círculos concêntricos de ponta filetada com os quais terminem os “sóis” de Itauguá, nem as duas filas de filé separam o centro ou pyte da parafina.

Em cada teia existe apenas um desenho ou, se preferir, existem desenhos idênticos que se repetem, mas, uma vez acabados, representam visualmente um único motivo decorativo. (IPA, 2011, p. 16). Como o maior propósito dessa renda é ser emoldurada, há a necessidade de seu desenho ou ser repetido ou ser único.

Figura 7: Renda de Pirayú



Fonte: IPA (2011).

Figura 8: Renda de Guaramaré



Fonte: IPA (2011).

Nesse grafismo, o que notamos é a formação do centro aberto, porém há um preenchimento maior no desenho do que nos das outras rendas citadas.

A renda Nhanduti, assim como seu povo, sobreviveu aos desdobramentos históricos e

hoje busca, por meio dos habitantes dessas cidades, conservar suas raízes com o apoio do Instituto Paraguaio de Artesanato. No Brasil, embora seja pouco conhecida, algumas ONGs, como a “Nhanduti de Atibaia” e grupos na região de Florianópolis buscam ampliar suas técnicas, valores e propõem inovações por meio do diálogo com especialistas do campo a arte ou do design.

No âmbito da moda, nota-se nos últimos anos uma crescente atenção voltada ao trabalho manual ou artesanal e às culturas regionais na moda contemporânea global e brasileira, em que tais fazeres vêm se destacando nos diversos contextos - como da moda autoral e centros de moda, às pesquisas e estudos das universidades e mesmo nas produções e atuações de designers em variadas localidades (FELIPPI et al., 2015). Junto ao progressivo reconhecimento da manualidade, também são cada vez mais valorizados e populares as peças singulares, autorais e o ritmo mais lento de produção.

5. Considerações Finais

O Nhanduti é cercado de significados, como uma teia entrelaçada a mistérios e lendas. Mesmo diante de tantas restrições por parte de seus produtores, essa renda encontrou seu próprio caminho no Paraguai e instaurou a transição da cultura de uma nação. A sensibilidade pelo místico e o talento dos Guarani tiveram impacto na sociedade trazendo conceitos diferentes tanto para o desenvolvimento de vestimentas e acessórios quanto para a decoração.

Perante o objetivo proposto, foi necessário compreender o simbolismo do universo guarani no período pré-colonial para identificar sua influência na construção do grafismo da renda. Mesmo diante da escassez de informações recentes sobre tais grafismos, constatou-se que eles eram regidos pela religião, isso porque tinham a natureza como parte da crença e o relacionamento criado com ela era retratado por meio de danças, rituais e tecelagem e também da arte. Para esses indígenas, a colonização foi um processo marcado pela intervenção em sua expressão cultural, com influência na constituição da renda Nhanduti, assim como seus motivos (representações), configurando várias interpretações sobre o cotidiano, também encontradas em outras superfícies artesanais. Ao abordar a renda nhanduti, uma manifestação artesanal vinculada a culturas locais, o presente estudo apresenta pertinência e interesse para a comunidade acadêmica no campo do Design de Moda e Design Gráfico.

No âmbito do *design* de moda, a delicadeza do desenvolvimento dessa renda, além de ressaltar o resgate cultural, evidencia o quanto o processo manual é rico, devido à importância de seus detalhes. Neste campo, vale destacar a valorização crescente no denominado “Design Autoral”, o qual pode ser influenciado positivamente pela característica da renda Nhanduti, descritas no presente estudo.

Além disso, os grafismos da renda Nhanduti também contribuem diretamente para o *design* gráfico, pois mostram o poder de uma expressão cultural baseada em símbolos e o quanto esta expressão pode impactar na vida das comunidades. Além do conhecimento sobre a cultura guarani, este estudo procurou contribuir com um referencial teórico para o enriquecimento da história da moda e da representação gráfica, funcionando como inspiração para futuros pesquisadores.

Agradecimentos

O presente estudo foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Processo 88887.636925/2021-00.

Referências

- ALMEIDA, R. F. T. de; MURA, F. Guarani Kaiowá. **Povos Indígenas no Brasil**, out. 2003. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Kaiow%C3%A1. Acesso em: 11 jan. 2021.
- BEZERRA, J. Colonização espanhola. **Toda Matéria**, 23 nov. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/colonizacao-espanhola/>. Acesso em: 26 set. 2021.
- BEZERRA, J. Índios Guarani. **Toda Matéria**, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/indios-guarani/>. Acesso em: 26 set. 2021.
- CHAMORRO, G. Os Guarani: sua trajetória e seu modo de ser. **Cadernos Comin**, São Leopoldo: Comin, n. 8, p. 3-30, ago. 1999.
- FELIPPI, Vera; FIGUEIREDO, Joana Bosak de; RÜTHSCHILLING, Evelise Anicet. **Um olhar sobre o papel da mulher rendeira na história da moda brasileira**. ModaPalavra E-periódico. Ano 8, n.16. 2015. Disponível em <http://dx.doi.org/105965/19826158162015050>. Acesso em: novembro de 2020
- IPA – INSTITUTO PARAGUAYO DE ARTESANÍA. **El Ñandutí y su historia**. 23 mar. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/51411064/El-Nanduti-y-su-historia-PortalGuarani-com?fromopenview=true&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 26 set. 2021.
- LADEIRA, M. I. Guarani Mbya. **Povos Indígenas no Brasil**, out. 2003. Disponível em: https://www.indios.org.br/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em: 26 set. 2021.
- LOPES, R. H. Cultura Tupi-Guarani: arte, culinária, religião e modo de vida. **Gestão Educacional**, 15 mar. 2019. Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/cultura-tupi-guarani/>. Acesso em: 26 set. 2021.
- MASY, R. C. de. **El encaje canario y las misiones jesuíticas del Paraguay**. 1992. Disponível em: <https://mdc.ulpgc.es/utills/getfile/collection/tebeto/id/304/filename/305.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.
- MÉTRAUX, A. Armas. In: RIBEIRO, D. (ed.). **Suma etnológica brasileira: tecnologia indígena**. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 2. p. 139-161.
- ORTIZ, R. I. Cultura material, organização e história guarani em Dourados, Mato Grosso do Sul (Brasil): artes, artefatos e cosmologia. **RelaCult**, v. 6, n. 1, p. 1-33, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1643/1202>. Acesso em: 26 set. 2021.
- PLÁ, J. Prosapia y magia del Ñanduti. **Anuario de Estudios Atlánticos**, v. 1, n. 26, p. 615-633, 1980. Disponível em:

https://www.academia.edu/8951708/PROSAPIA_Y_MAGIA_DEL_NANDUTI_Josefin_a_Pla.
Acesso em: 26 set. 2021.

PLÁ, J.; GONZÁLEZ, G. **Paraguay**: el ñandutí. Fotografia: José Luis de Tone y Gustavo González. Asunción: Cuadernos de Divulgación Museo Paraguayo de Arte Contemporáneo, 1983.

REISS, M. Ruínas Jesuíticas. **Laboratório de Pesquisas em Fotogrametria da UFRGS**, [201-], Disponível em: <https://www.ufrgs.br/lafoto/projetos-ruinas-jesuisticas> Acesso em: 25 mar. 2022.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: EPU: Edusp, 1974.

SILVA, A. da. **O grafismo e significados do artesanato da comunidade guarani da linha gengibre (desenhos na cestaria)**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Indígena Intercultural do Sul da Mata Atlântica) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/04/Alexandrina-da-Silva.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

SILVA, D. C. da; ALVES, G. L. O artesanato Ñanduti em Bella Vista Norte, Paraguai. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 141-159, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/106630>. Acesso em: 26 set. 2021.

SIMBOLOGIAS e significados dos grafismos em cestarias. **História e Cultura Guarani**. [201-]. Disponível em: <https://historiaeculturaguarani.org/artesanato/artesanato-transmissao-e-atualizacao-dos-saberes/simbologias-e-significados-dos-grafismos-em-cestarias/>. Acesso em: 26 set. 2021.

TOCCHETTO, F. B. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica guarani. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: PUCRS, v. 22, n. 1, p. 27-45, jun. 1996. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/28774/15995>. Acesso em: 26 set. 2021.

UFMG. **Para povo guarani, artesanato é a própria vida, diz antropóloga**. 18 jul. 2017. Disponível em: <https://www.ufmg.br/sbpcnaufmg/para-povo-guarani-artesanato-e-a-propria-vida-diz-antropologa/>. Acesso em: 26 set. 2021.

ZAIGUAWEB. Ñandutí: una pieza de arte. **Zaigua Through the Americas**, 22 jul. 2014. Disponível em: <https://www.zaiguaweb.com/2014/07/22/%C3%B1andut%C3%AD-una-pieza-de-arte/>. Acesso em: 26 set. 2021